



Os Pequenos Lordes: Uma análise da moda infantil masculina da primeira metade do século XX (1905-1958)

The Little Lords: Analysis of male children's fashion in the first half of the 20th century (1905-1958)

Isabela Brasil Magno¹

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-3566-660X>

[resumo] Este artigo procura analisar o auge do fenômeno da moda de vestir meninos como "pequenos lordes", o seu declínio e desaparecimento ao longo da primeira metade do século XX no Ocidente. Essa forma de vestimenta ficou conhecida pelo livro infantil *O Pequeno Lorde*, de Frances Hodgson Burnett. Como fontes para analisar a trajetória desse estilo são utilizadas duas publicações brasileiras: a revista infantil *O Tico-Tico* e a publicação feminina *Anuário das Senhoras*, além do próprio livro de Burnett e suas representações no teatro e cinema. Por meio delas, se discutem os padrões de vestimenta infantil (em especial masculino) da primeira metade do século XX e as diversas transformações pelas quais passaram. Como principais referências estão as obras de Philippe Ariès, Jo B. Paoletti e Gilda de Mello e Souza. Por fim, são traçadas reflexões sobre como conceitos como doçura, delicadeza e beleza, que pautavam um ideal de masculinidade infantil nas décadas de 1900 e 1910, foram desaparecendo e sendo suplantados por valores como vigor e bravura.

[palavras-chave] **Indumentária. Infância. Meninos. Lorde. Moda**

[abstract] This article seeks to analyze the peak of the phenomenon of dressing boys as "little lords," its decline and disappearance during the first half of the 20th century. This style of clothing became known through the children's book "Little Lord Fauntleroy" by Frances Hodgson Burnett. Two Brazilian publications are used as sources to examine the trajectory of this style: the children's magazine *O Tico-Tico* and the women's publication *Anuário das Senhoras*, in addition to Burnett's own book and its representations in theater and cinema. Through these sources, it discusses the patterns of children's clothing (especially for boys) in the first half of the 20th century and the various transformations they underwent. The main references for this study include the works of Philippe Ariès, Jo B. Paoletti, and Gilda de Mello e Souza. Finally, reflections are drawn on how concepts like sweetness, tenderness and beauty, which shaped an ideal of childhood masculinity in the 1900s and 1910s, gradually disappeared and were supplanted by values such as strength and bravery.

[keywords] **Clothing. Childhood. Boys. Lord. Fashion.**

Recebido em: 10-11-2023

Aprovado em: 18-06-2024

¹ Mestre em História pela Universidade Federal do Paraná. Email: isabelamagno11@gmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4786581784192286>.

Introdução

Olhando diretamente para a câmera uma criança posa sem sorrir para a foto. Ela aparenta ter mais de 3 anos e menos de 6, seus cabelos caem em longos cachos e cobrem-lhe os ombros. Sua roupa é escura, mas as mangas e a gola do traje são de renda branca. Um observador desavisado de hoje poderia facilmente crer que se trata da foto antiga de uma menina, mas a legenda de mais de cem anos atrás da revista *O Tico-Tico* revela que o nome do pequeno é Renato, morador de São Paulo e filho do sr. Edmundo Landell de Souza. Além da explicação do próprio periódico, o fato de estar posando em cima de um cavalinho também indica que se trata de um menino, já que em 1910, ano em que foi feito o registro, este tipo de brinquedo era predominantemente masculino. Tanto a roupa, quanto a montaria no alazão de madeira conferem a Renato um ar aristocrático em tempos de república, pois para os meninos mais abastados dessa época se fazia uma concessão, de se vestirem como "pequenos lordes", como nobres europeus de épocas passadas.

FIGURA 1. RENATO POSA SOBRE UM ALAZÃO DE BRINQUEDO COM TRAJE PEQUENO LORDE.



FONTE: *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: *O Malho*, n. 216, 1910, p. 26.
Acervo: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Esse artigo se debruça sobre o fenômeno de vestir meninos das classes médias e altas como lordes no final do século XIX e início do século XX no Ocidente, abordando os principais elementos e as transformações da indumentária infantil nesse período. Para tanto serão analisadas imagens e reportagens de duas revistas da extinta editora brasileira O Malho: a infantil O Tico-Tico e a feminina Anuário das Senhoras. Também se levará em consideração o livro infantil "Pequeno Lorde", de Frances Hodgson Burnett, que se inspirou nesse tipo de traje e acabou por popularizá-lo ainda mais. Além disso, se abordará brevemente suas adaptações teatrais e cinematográficas e os seus contextos de produção e recepção².

Os Pequenos Lordes e seus trajés

A moda de vestir meninos como lordes teria se tornado muito popular nos idos de 1887, com a publicação do livro *Little Lord Fauntleroy* pela autora Frances Hodgson Burnett³. Essa obra conta a história de Cedric Errol, um garotinho estadunidense, filho de um nobre inglês e uma plebéia dos EUA. Após o infortúnio da morte de seu pai e a consequente falência da família, ele vai viver com seu avô, um rígido conde britânico que havia cortado os laços com o filho. Com o desenrolar da narrativa, o velho rabugento tem seu coração amolecido com a convivência com o doce neto, que cativa não só o patriarca da família, mas todo o condado. Cedric acaba por iluminar a vida de todos, e com sua graciosidade atenua até as relações entre classes sociais mais tensas da localidade.

Um coração puro e uma alma bondosa refletiam também na aparência exterior do menino, descrito por sua inventora como "tão loiro e delicado garotinho" (Burnett, 1973 [1887], p. 12) que tinha suas belas feições e porte emoldurados por um precioso traje de "veludo negro" (Burnett, 1973 [1887], p. 52). "Uma criança vestida de veludo escuro, com cabelos loiros a lhe caírem sobre a golinha branca de renda branca" (Burnett, 1973 [1887], p. 81), assim Cedric aparece constantemente na obra. Para completar sua aparência angelical, o garotinho utilizava belos cachinhos. A história do lindo menino logo caiu nas graças do público dos EUA e Europa e foi diversas vezes adaptada em peças de teatro, que teriam difundido ainda mais a peça de roupa.

Burnett narra em seu livro a história de um menininho angelical que em muito apresentava as percepções sobre a infância de sua época. Philippe Ariès em sua obra "História Social da Criança e da Família" argumenta que o conceito moderno sobre uma fase específica da vida restrita às crianças, a infância, foi moldada a partir do século XVII e se consolidou no final do século XVIII e início do XIX. A partir do estudo de uma série de fontes do período medieval e moderno, o autor percebe uma crescente importância da criança nas sociedades ocidentais, em especial dentro do espaço privado, conceito este também oriundo da Modernidade. Para o historiador, a presença cada vez maior de crianças na iconografia moder-

² O estudo aqui realizado desdobra das reflexões levantadas pela minha dissertação de mestrado: MAGNO, Isabela Brasil. *Entre saias e calções: vestindo crianças em revistas no século XX (1905-1958)*. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal do Paraná, 2021.

³ Para este artigo foi utilizada a edição brasileira de 1973 traduzida por Maria Lourdes de Andrade Cunha.

na seria um sintoma da "necessidade outrora desconhecida de intimidade, de vida familiar, quando não precisamente de vida em família" (Ariès, 1981, p. 199).

Uma nova visão em relação às crianças, com ênfase em sua pureza e necessidades de cuidado, teria tido origem dentro da elite burguesa europeia, influenciando, posteriormente, a aristocracia. No entanto, até o século XIX e início do século XX, essa perspectiva ainda não havia se difundido amplamente entre muitos grupos de camponeses que residiam distantes dos centros urbanos. À medida que os séculos XIX e XX avançavam, essa nova concepção da infância e seu papel fundamental na esfera da vida privada se estabeleciam solidamente na rotina diária e na sensibilidade das pessoas.

De acordo com Ariès, um dos elementos mais significativos desse movimento, em que a infância se configurou como uma fase da vida específica, é a particularização das roupas das crianças, que se tornaram uma indumentária especializada em relação à moda adulta.

Na Europa Ocidental, até o século XVI, aproximadamente – embora com importantes variações de local, camada social, dentre outros fatores –, os pequenos, logo que deixavam os cueiros, eram vestidos como versões menores dos homens e mulheres adultos de sua condição social. No século XVII, contudo, surgiria uma vestimenta concebida especificamente para as crianças. Trata-se de vestidos, os quais se tornaram nessa época os modelos de roupas por excelência dos meninos até por volta dos 8 anos de idade. Os meninos menores usavam vestidos com saia e avental, semelhantes às roupas usadas por meninas e mulheres adultas, enquanto a partir dos 4 anos de idade os meninos deveriam utilizar um modelo de vestido que se parece com as batinas de padres.

O sentimento do que significa a infância seria, dessa maneira, pautado em grande medida na visualidade das roupas destinadas a essa fase. Não eram as próprias crianças, no entanto, as definidoras desses padrões de vestimenta, mas adultos, que, através das roupas com que vestiam as crianças, projetavam suas representações sobre a infância e demarcavam o que era considerado infantil e sua contraposição com o mundo adulto (Roveri, 2014).

A indumentária infantil não seria, assim, a exteriorização do que é "ser criança", mas um mecanismo da construção do que deveria ser, segundo determinada concepção, a infância. Justamente pelo papel dos adultos na escolha das vestimentas, a indumentária infantil, talvez mais do que qualquer outro tipo de vestuário, está atrelada a idealizações sociais exteriores ao sujeito que veste, mas ao mesmo tempo participa intensamente na construção de sua identidade.

No avançar do século XIX há uma continuação da predominância de vestidos para crianças pequenas. No entanto, uma diferença notável em relação aos séculos anteriores é que, nesse período, os vestidos destinados a meninas e meninos passaram a ser praticamente idênticos. Para bebês recém-nascidos e aqueles com menos de um ano de idade, a única peça de vestuário era um modelo de vestido cujo comprimento ultrapassava os pés das crianças. Para crianças um pouco mais velhas, com idades de 1 a 3 anos, os vestidos ainda eram a peça de vestuário predominante, mas o comprimento deles se reduzia consideravelmente (Magno, 2018).

Através da análise da revista *O Tico-Tico* se conclui que os padrões de vestimenta nos primeiros anos do século XX (1905-1917) seguem a mesma lógica de vestuário do final do século XIX. *O Tico-Tico* era uma publicação da editora *O Malho*, e foi uma das mais marcantes e duradouras revistas infantis brasileiras, durando de 1905 a 1961. Por muitos anos foi

o carro chefe da editora, mas na década de 1930 começou a sofrer uma grave crise (assim como todo O Malho) e passou a ser reformulada e descontinuada várias vezes até a década de 60. Do início de sua publicação até seu declínio, ela publicou várias fotografias de seus leitores, anúncios e também possuiu por diversas edições uma sessão de moda infantil, que serviram como objeto de estudo para as considerações aqui realizadas.

Ao analisar as imagens presentes na revista, se percebe que as primeiras distinções de gênero significativas nas roupas infantis desse período (1905-1917) eram atribuídas à faixa etária dos 3 aos 6 anos. Os vestidos continuam sendo uma das principais peças de roupa para essa faixa etária, mas o repertório possível de vestes para meninos se amplia com novos tipos de peças específicas. No vestuário masculino, para essa idade, uma peça muito interessante se acrescenta: uma espécie de shorts-saia, como pode ser visualizado abaixo.

FIGURA 2. GALANTE ALORY LOPEZ, 3 ANOS COM TRAJE DE PEQUENO LORDE DE SHORTS-SAIA E AUGUSTO DE LACERDA, 5 ANOS COM MODELO *GARÇONNET*.



FONTE: O Tico-Tico. Rio de Janeiro: O Malho, n. 328, 1912, p. 14. O Tico-Tico. Rio de Janeiro: O Malho, n. 540, 1916, p. 28. Acervo: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Este shorts-saia é chamado em O Tico-Tico de *garçonnet*⁴ se tratava principalmente de uma espécie de blusa, dividida na cintura por uma faixa ou cinto, que deixava sua parte de baixo aparentando uma saia com pregas. Por debaixo dessa blusa os meninos trajavam uma bermuda curta e justa ao corpo. A riqueza de ornamentos continuava presente nesses modelos, como as rendas, sobretudo no traje do "pequeno lorde", o mais significativo no estilo *garçonnet*. Para além desse modelo que se tratava basicamente de uma mescla, também conviviam entre os meninos pequenos os vestidos e calções, todos de curto comprimento.

FIGURA 3. PAULO VELLOSO, 5 ANOS, COM TRAJE PEQUENO LORD RENDADO E MARIO DOS SANTOS, COM TRAJE *GARÇONNET* E GRAVATA DE LAÇO



FONTE: O Tico-Tico. Rio de Janeiro: O Malho, n. 339, 1916, p. 10. O Tico-Tico. Rio de Janeiro: O Malho, n. 600, 1917, p. 13. Acervo: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

O traje do "pequeno lorde" era um grande sucesso entre os meninos dessa faixa etária. A roupa geralmente era de tonalidade mais escura com detalhes como rendas, assim como a descrita por Frances Burnett. Também era muito comum a combinação com gravatas em estilo laço. Há casos também do modelo do "pequeno lorde", com seu veludo e suas rendas e outros tipos de suntuosidade, sem a parte do "saiote", mas com calções justos afivelados na altura do joelho ou um pouco abaixo e colete curto, em uma espécie de variação na inspiração dos trajes dos nobres dos séculos XVII e XVIII, e que era destinada sobretudo aos meninos mais velhos.

⁴ Em francês *garçonnet* significa menino pequeno, "rapazinho", "rapazote", mocinho". GARÇONNET. *Dicionário Infopédia de Francês - Português*. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/frances-portugues/garçonnet>. Acesso em 27 de fevereiro de 2024. GARÇONNET. *Collins French-English Dictionary*. Disponível em: <https://www.collinsdictionary.com/pt/dictionary/french-english/gar%C3%A7onnet>. Acesso em 27 de fevereiro de 2024.

FIGURA 4. O JOVEM SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA E SEU IRMÃO JAYM TRAJAM VESTES BRANCAS COM CALÇÕES PARA PRIMEIRA COMUNHÃO.



FONTE: O Tico- Tico. Rio de Janeiro: O Malho, 408, 1913, p. 20.
Acervo: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Cristine Bard descreve da seguinte maneira os trajes masculinos destes dois séculos, antes da predominância da calça comprida entre o vestuário dos homens:

A roupa é composta por: camisa, jaqueta e calção. Os calções são estilo bávaro com bainhas viradas para cima. Eles chegam abaixo dos joelhos e são presos com uma liga com fivela ou uma fita com nó. Quanto mais curto o paletó, mais curta o calção suspenso⁵ (Bard, 2010, p. 25).

É relevante salientar que Frances Hodgson Burnett não inventou esse traje, mas o popularizou. O costume de vestir crianças com modelos de roupas inspirados em trajes de adultos de eras passadas, como a Renascença e Idade Média, seria algo corriqueiro desde o começo da especialização das vestimentas infantis dos séculos XVII-XVIII. De acordo com Ariès, essa prática estaria atrelada a um efeito cômico de ver os pequenos vestidos com "fantasias" de outras épocas. Em termos mais atuais seria "engraçadinho" para os adultos do século XVII ver um garotinho trajado de artesão medieval (Ariès, 1981). Da mesma forma pode-se aventar que no final do século XIX vestir meninos de lordes servia ao deleite e bom humor dos adultos desse período.

⁵ Tradução minha para: "Tout au long du XVIIIe siècle, la silhouette masculine est simplifiée. Le vêtement consiste alors en trois pièces: l'habit, la veste et la culotte. Celle-ci est désormais fermée par un pont à la bavaroise. Elle descend jusqu'en dessous du genou, où elle est tenue par une jarretière à boucle ou par un ruban noué. Au fur et à mesure que la veste raccourcit, la culotte, suspendue par des bretelles (croisées dans le dos à la fin du siècle), monte plus haut"

No Brasil, a primeira edição rastreada do livro de Burnett data somente de 1961, publicada pela editora católica Livrarias Paulinas. Aqui o livro ganhou o título de "O Pequeno Lorde" apenas. Nenhuma menção à autora é feita nos periódicos brasileiros disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional entre os anos de 1901 a 1910, e pouquíssimas são realizadas entre 1910 e a década de 30, e quando presentes são mais no sentido de comentar o sucesso que as peças de teatro baseadas na obra estavam fazendo no exterior.

Essa pouca popularidade da obra da autora no Brasil leva a inferir que se houve alguma influência do "pequeno lorde" Cedric nas vestimentas das crianças brasileiras ela se fez de maneira muito mais indireta, relacionada à sua difusão em território europeu e à exportação desse modelo e da moda europeia. A obra de Burnett só ficaria mais popular entre as crianças brasileiras na década de 90 do século XX com o lançamento do filme adaptado de seu livro, *O Jardim Secreto*.

Ainda que o personagem de Burnett não fosse conhecido no Brasil, a versão mais tradicional do modelo de roupa que popularizou, com o shorts-saia, era inclusive a peça de roupa utilizada pelo principal personagem da revista O Tico-Tico, o Chiquinho. "As Aventuras de Chiquinho" era a principal história em quadrinhos da revista por quase toda sua existência, e foi a mais famosa entre as HQs do Brasil até a chegada das histórias de Walt Disney, na década de 1930. Chiquinho era um menino branco de classe média que vivia se metendo em confusões e aprontando traquinagens. Apesar de se vestir como um "lordezinho", Chiquinho era um "moleque". A sua aparência nobre contrastava com seu comportamento pouco refinado, gerando um efeito cômico para o leitor. As histórias quase sempre terminavam com Chiquinho sendo repreendido física e verbalmente por seu mau comportamento, já que bons meninos não deviam se comportar como ele.

FIGURA 5. FRENTE E COSTAS DO TRAJE PEQUENO LORDE DE CHIQUINHO, APESAR DA SUA TONALIDADE MAIS COLORIDA.



FONTE: O Tico- Tico. Rio de Janeiro: O Malho, n. 24, 1906, p. 16.

Acervo: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Independente de uma inspiração no livro de Burnett ou somente uma reprodução dos antigos trajes nobres, fica claro no traje do "pequeno lorde" a intenção de "fantasiar" as crianças dessa idade. Essa prática de vestir crianças pequenas com trajes evocativos de épocas passadas ou personagens imaginários pode ser atribuída, em parte, à limitada autonomia que essas crianças possuíam para escolher suas próprias roupas, em comparação com as crianças mais velhas. Isso permitia que suas mães moldassem mais proeminentemente a aparência delas. Ao mesmo tempo, essas crianças eram menos propensas a se sujar em comparação com bebês, o que tornava a praticidade no vestir menos relevante.

Os penteados também são muito significativos nessa prática. Os cachos eram altamente valorizados nos pequenos, que diferente dos bebês passavam a ter fios de cabelo mais abundantes possibilitando o penteado. Tanto a roupa quanto os cabelos acabavam por fazer com que meninos e meninas pequenas (até 6 anos de idade, aproximadamente) se assemelhassem muito visualmente.

Isso pode ser observado na imagem abaixo, em uma história do Chiquinho que reúne uma série de representações dos modelos de roupas que as crianças usavam nesse período.

FIGURA 6. CRIANÇAS DE UMA DAS "AVENTURAS DE CHIQUINHO".



FONTE: O Tico- Tico. Rio de Janeiro: O Malho, n. 383, 1913, p. 29.

Acervo: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Entre as crianças um pouco mais novas, merece destaque a grande semelhança dos trajes do próprio Chiquinho (de vermelho, à direita) com o da menina do canto esquerdo. Para além da mesma paleta de cores, as roupas se parecem no próprio modelo, como o recorte da gola, que apesar de diferir, tem uma simetria muito parecida, e a cintura baixa demarcada por uma faixa. O volume na parte de baixo do traje, na menina se faz pela saia e no Chiquinho se faz pela "quase" saia. Além disso, apesar de Chiquinho não utilizar laços na cabeça como sua colega, esse elemento se faz presente com uma espécie de "gravatinha".

Uma transformação significativa na diferenciação de gênero nas roupas infantis ocorria entre as crianças maiores, geralmente entre 6 e 13 anos. Nessa nova fase da infância, os meninos começavam a usar exclusivamente calções e bermudas, geralmente combinados com blusas e casacos de comprimento mais curto. O comprimento das bermudas dos meninos, em geral, atingia o nível dos joelhos ou um pouco abaixo.

Nesse estágio, os cortes simples e a ausência de detalhes nas roupas dos meninos destacavam ainda mais a distinção em relação às roupas das meninas. Além disso, os cortes de cabelo passavam a ser significativamente diferentes, com os meninos adotando cabelos muito curtos, enquanto muitas meninas mantinham cachos e, em alguns casos, cabelos longos e lisos.

A última etapa de transição no vestuário dos meninos se fazia pela adoção da calça comprida no lugar das bermudas. Esse estágio demarcava que o jovem havia se tornando um homem. Existem variações nas idades em que essa transformação era operada. Nessa época estão presentes meninos trajando calças compridas aos 11 anos, mas também jovens usando bermuda aos 14.

A maneira como as crianças eram vestidas desempenhava um papel crucial na maneira como elas se percebiam e eram percebidas pelos outros, influenciando as expectativas e os sentimentos, tanto positivos quanto negativos. As distintas etapas de roupas infantis eram consideradas como marcos na transição das crianças para a vida adulta, especialmente no caso dos meninos, em que as transições de vestimentas operadas eram os meios pelos quais a sociedade moldava a masculinidade e seu significado por meio das vestimentas.

A análise da revista demonstra que o processo central se configurava na eliminação gradual dos símbolos considerados femininos nas roupas dos meninos. Era de certa maneira uma transição suave, com a paulatina substituição dos vestidos por calças, incluindo algumas etapas intermediárias, onde se encontrava o modelo do "pequeno lorde". A culminação desse processo para os meninos era o uso de calças compridas, que se tornaram o elemento distintivo dos homens no século XIX. Somente nesse ponto o processo de masculinização se completava.

Gilda de Mello e Souza já havia observado que ao longo do século XIX, elementos como rendas, bordados, tecidos leves e coloridos, que anteriormente estavam presentes nas roupas tanto femininas quanto masculinas, passaram a ser exclusivos do vestuário feminino, enquanto as roupas masculinas adotaram um estilo mais sóbrio (Souza, 1987). Bard resume esse movimento com a alcunha forjada pelo psicanalista inglês Carl Flügel de "grande renúncia masculina" (Bard, 2010, p. 12). O que se pode notar com a análise das roupas das figuras infantis da revista *O Tico-Tico* é que esses elementos continuaram a existir em uma indumentária masculina específica: a infantil. Todavia, esses elementos eram gradualmente retirados das roupas dos meninos e substituídos pela austeridade associada às roupas masculinas tradicionais à medida que as crianças cresciam.

Os vestidos de meninos de 1 a 2 anos já não tinham tantos bordados e rendas quanto os dos bebês e, se no *garçonnet* esses elementos ainda podem ser algumas vezes observados e os saíotes ainda dão certo volume ao traje, as roupas dos meninos maiores de 6 anos tem corte reto e raríssimos são os casos de detalhes, adereços ou rendas. A única exceção é justamente o traje de "Pequeno Lord" com calções, porém é mais raro que a versão de *garçonnet*, destinada aos meninos menores, e provavelmente tinha seu uso restrito a momentos mais solenes.

A indumentária feminina infantil não passa por tantas etapas quanto à masculina e varia menos se comparada à indumentária feminina adulta. A principal diferença entre as

roupas de meninas e mulheres no final do século XIX e início do XX é o comprimento das saias, que aumenta conforme a faixa etária. Passados os vestidos longos dos bebês, dos 2 aos 6 anos, em geral, a barra da saia ficava pouco acima do joelho. Dos 6 aos 13 anos de idade ela baixa para pouco abaixo do joelho e vai crescendo até chegar nos modelos adultos, onde sequer os pés das mulheres são visíveis. A altura das cinturas também passava por transformação semelhante. Os modelos voltados às meninas mais novas tinham como padrão uma cintura baixa ou mediana, que se tornava gradativamente uma cintura alta à medida que as meninas cresciam.

Os momentos dessas transições são muito variados entre os leitores de *O Tico-Tico*, como já foi mencionado, sobretudo o da transformação de meninos e meninas em rapazes e moças. Essas variações em muito se deviam às próprias expectativas dos pais em relação ao desenvolvimento de seus filhos. As transformações corporais poderiam ser as protagonistas em alguns casos para as modificações do vestuário, mas também poderiam ser coadjuvantes em relação à percepção e desejo dos progenitores e das próprias crianças em relação ao amadurecimento e ao paulatino abandono da infância. Alguns ritos de passagem, como a primeira comunhão, por vezes acabavam demarcando essa transformação, todavia estava longe de ser uma regra. No caso dos meninos abastados, o ingresso em colégios tinha um grande peso nessa transição, que, de acordo com Ivan Jablonka (2013), cobravam a masculinidade dos jovens estudantes para ingressar e serem bem sucedidos em seus quadros.

No que diz respeito às crianças pobres, pelo que se percebe através de fotografias de grupos escolares beneficentes e operários disponíveis na revista *O Tico-Tico*, se conclui que as transições nas vestimentas eram mais abruptas, com meninos adotando calças compridas mais cedo do que seus pares das classes médias e altas. Isso indica uma aceleração do processo de amadurecimento na percepção da infância para os meninos de origens socioeconômicas mais baixas, uma vez que havia uma pressão para que esses jovens crescessem rapidamente a fim de contribuir para o trabalho e o sustento de suas famílias. Em contraste, entre as meninas de origem mais humilde, as diferenças eram menos perceptíveis em comparação com as meninas de classes sociais mais privilegiadas, exceto pela maior simplicidade das roupas e a ausência de calçados.

FIGURA 7. GRUPO ESCOLAR BENEFICENTE DE MENINOS DO PROFESSOR GODINHO EM MENDES. NA PRIMEIRA FILEIRA TODOS DESCALÇOS SOBRE O CHÃO BATIDO E VÁRIOS COM CALÇAS COMPRIDAS.



FONTE: *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: *O Malho*, n. 67, 1907, p. 23.

Acervo: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

FIGURA 8. GRUPO DE ALUNAS DO COLÉGIO DA COMPANHIA (OPERÁRIA) INDUSTRIAL SERRA DO MAR QUASE TODAS DESCALÇAS.⁶



FONTE: O Tico- Tico. Rio de Janeiro: O Malho, n. 85, 1907, p. 17.

Acervo: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Em relação à norma de vestuário em geral, a presença de adornos nas roupas das crianças pequenas e das meninas destaca o que pode ser considerado a característica central do conceito coletivo da infância moderna: a aura de inocência. Elementos como laços, rendas, bordados e modelos delicados e fluidos têm o efeito de evocar, nos adultos, a imagem de doçura, pureza e ternura. Estes elementos servem como um meio para os adultos estabelecerem um padrão de beleza e decência no qual as crianças, especialmente aquelas pertencentes às classes mais abastadas, devem se inserir. A escolha das roupas desempenha um papel fundamental nesse processo. Além da ideia de pureza, a beleza e a decência das vestimentas estão ligadas a conceitos higienistas, tão em voga nesse momento histórico (Costa, 1979). A conformidade com os princípios morais religiosos, podiam ser avaliadas com base na aparência das crianças, incluindo suas roupas e sua elegância.

Quando observamos como esses adereços nas roupas se relacionam com as características associadas à infância, como inocência e pureza, é notável como essa dinâmica se manifesta de formas diferentes nas mudanças nas roupas de meninos e meninas. Enquanto os símbolos de pureza infantil desapareciam gradualmente do vestuário masculino à medida que o menino se tornava adulto, eles persistiam ao longo da moda feminina. Em certa medida, as mulheres pareciam não perder seu caráter infantil.

⁶ "São operárias, filhas de operários d'aquella fabrica de phosporos; gente honesta e laboriosa, que nas horas que sobram do trabalho, procura instruir-se delicadamente. Essas caprichosas estudantes enviaram seus retratos ao Tico-Tico de que são leitoras e admiradoras" (O Tico- Tico, n. 85, 1907, p. 17).

A quase inexistente diferenciação nas normas de vestir tanto para meninas de classes sociais mais abastadas quanto para aquelas de origens mais humildes também refletia essa percepção de infantilização das mulheres. Enquanto os meninos de classes sociais menos privilegiadas passavam por um processo de crescimento acelerado com a adoção precoce de calças compridas, as meninas pertencentes a esse estrato social continuavam a usar vestidos mais curtos, mesmo que já estivessem envolvidas no mundo dos adultos (trabalhando em empregos remunerados ou em serviços domésticos familiares, por exemplo).

O caso do modelo de roupa do "pequeno lorde" é muito significativo para a compreensão dessa junção de infância e feminilidade de fins do XIX e início do XX. Mais do que o sucesso entre as crianças (o principal público leitor originalmente) Jo. B. Paolleti (2012) ressalta o enorme sucesso do romance e suas ilustrações entre as mães dos pequenos. As genitoras gostavam da doçura e educação do personagem e teriam buscado fazer com que seus filhos se parecessem com ele.

Ainda que o enredo principal da obra, e das suas adaptações, gire em torno da nova relação que Cedric desenvolveu com seu avô, um dos elementos mais ressaltados na narrativa era o grande amor e dedicação que o pequeno nutria por sua mãe. Ao falar sobre seu protagonista Burnett (1973 [1887], p. 10) afirma: "precisava ser bom, obediente e carinhoso. A mãe compreende bem isso, o menino era um consolo".

Com seu traje de "veludo negro", o garotinho parecia um "príncipezinho de contos de fada", era "bem educado e não incomodava ninguém, em geral meninos são cacetes, mas este sabe perfeitamente quando falar e quando deve ficar calado" (Burnett, 1973 [1887], p. 107). Cedric era tão bom e belo que quase era uma menina. Com suas rendas e seu comportamento delicado, o "lordezinho" pertencia muito mais a um mundo feminino do que masculino.

Michele Perrot (2011) aborda, em sua *História da Vida Privada*, como mulheres e crianças no final do século XIX e início do século XX compartilhavam um mesmo universo. A comunhão entre mães e filhos se realizava em vários sentidos, como por exemplo, o mais prático deles, o "enclausuramento" que ambos sofreram na esfera doméstica desse período. Além disso, essa conexão também seria estabelecida em termos estéticos, através das semelhanças entre seus trajes, que demarcavam uma presença infantil num universo feminino e uma feminilidade na infância.

Ainda que seja reconhecida a existência nesse período de uma pressão por filhos varões dentro das famílias (tendo em vista a importância de questões como herança, liderança e linhagem) o fenômeno do "pequeno lorde" traz uma outra faceta das expectativas parentais em relação aos filhos. Mesmo que muitas vezes indesejadas, meninas podiam ser um "consolo" para suas mães, podiam significar companhia, cuidado e doçura no seu cotidiano. Ao vestirem seus filhos como "pequenos lordes", deixando-os mais parecidos com meninas do que com meninos, essas mães estariam recorrendo a uma estratégia para lhes retardar o crescimento e perpetuar a infância. Nessa época, prolongar esse estágio também poderia ser uma forma de manter seus bebês consigo antes de entregá-los para as garras da virilidade, num mundo repleto de guerras e revoluções que ceifavam a vida de jovens rapazes.

Um detalhe muito interessante e elucidativo é que na maior parte das peças de teatro o pequeno lorde era interpretado por meninas, e na primeira adaptação cinematográfica da história, feita em 1921, foi encenado por uma moça, a estrela hollywoodiana Mary

Pickaford. Esse subterfúgio, de utilizar atrizes, e não atores, para representar Cedric, revela de forma contundente o ideal que esse personagem representava. É reconhecido que na indústria do entretenimento a idade de um ator que interpreta uma criança ou adolescente é quase sempre maior que de sua personagem. A recusa em utilizar meninos mais velhos para o papel demonstra esse reconhecimento por parte das produções que meninos mais velhos já estariam por demais "contaminados" por uma masculinidade que não os deixava mais acessar a delicadeza e doçura necessária para desempenhar o pequeno lorde. A ponto de ser preferível a interpretação do mesmo por uma jovem adulta do que por um garoto crescido.

Apesar dos diversos estratagemas que algumas mães poderiam recorrer, o fato é que os meninos cresciam e iam tendo apagados os elementos de indumentária que o ligavam ao feminino/infantil. Pois a perda da pureza entre os meninos é vista como algo necessário para adquirir outra coisa ainda "melhor": a virilidade. A "grande renúncia" descrita por Bard (2010), seria assim não somente um movimento histórico, como também algo que todos os meninos deviam operar ao longo de seu crescimento.

As duas décadas seguintes à Primeira Guerra Mundial testemunharam transformações que tinham como objetivo tornar mais evidente a distinção de gênero nas roupas infantis. Essas mudanças não eliminaram imediatamente os padrões anteriores, todavia, foram especialmente contundentes nas vestimentas dos meninos, sobretudo os menores.

Numa fase inicial (1917-1925), os vestidos retratados na O Tico-Tico tornaram-se progressivamente menos comuns nas roupas dessas crianças, praticamente limitando-se aos bebês de até 3 anos. À medida que entramos na segunda metade da década de 20, os vestidos desaparecem completamente das vestimentas dos meninos menores de 6 anos, e sua frequência diminui mesmo entre bebês de 1 a 2 anos.

Os modelos de *garçonnet* com estilo "shorts-saia" também começaram a desaparecer gradualmente. Com a chegada dos anos 30, o modelo tradicional de *garçonnet*, incluindo o estilo do "pequeno lorde", desapareceu por completo, e o próprio termo *garçonnet* passou a ser usado frequentemente para descrever macacões usados por crianças pequenas. No que diz respeito aos cortes de cabelo, os cachos compridos, que eram distintivos dos meninos vestidos como "lordezinhos", desapareceram completamente dos cabelos dos meninos.

O grande substituto nas vestimentas de bebês e meninos pequenos é o macacão, que gradualmente vai ganhando popularidade. O macacão passa a ser incorporado também ao guarda-roupa das meninas pequenas, embora seja muito mais frequente entre os meninos. Essa mudança, com a diminuição das saias e vestidos e a introdução cada vez mais precoce de bermudas e macacões (que são peças com "pernas"), sugere um desejo de tornar os meninos mais masculinos mais cedo em suas vidas. Os bebês recém-nascidos foram poupados dessa introdução de traços masculinos durante esse período, mas aqueles com mais de 1 ano de idade foram progressivamente menos protegidos do início do processo de transformação de menininhos em homens.

Além da remoção dos símbolos de feminilidade, como saias e vestidos, outros elementos foram eliminados das roupas dos meninos. Se na década de 1920 ainda eram encontrados alguns enfeites delicados nas vestimentas dos pequenos, principalmente na forma de gravatas de laço, na década de 1930, o visual dos meninos menores se tornou muito mais sóbrio, se assemelhando cada vez mais às roupas dos meninos maiores de 6 anos, ao invés das roupas das meninas da mesma idade. Algumas estampas mais delicadas, como as

estampas florais, ainda persistiam nas vestimentas dos meninos pequenos, principalmente nos macacões. No entanto, os laços, bordados, rendas e outros elementos decorativos desapareceram completamente.

FIGURA 9. JOSÉ COM CONJUNTO DE BLUSA E CALÇÃO, SEUS IRMÃOS ANTONIO E HUMBERTO COM MACACÃO. PAULO SÉRGIO DE MACACÃO.



FONTE: O Tico- Tico. Rio de Janeiro: O Malho, n. 980, 1924, p. 11. O Tico- Tico. Rio de Janeiro: O Malho, 1929, n. 1283, 1930, p. 27. Acervo: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Da mesma forma que os sintomas das mudanças nas roupas infantis, os motivos por trás dessas transformações são complexos e, por vezes, contraditórios. Esses motivos também evoluíram e se consolidaram ao longo do tempo.

O primeiro conjunto de razões que podemos levantar e que desempenhou um papel significativo nesse movimento estava intimamente ligado ao processo de especialização da infância. Desde o seu início, esse processo visava à individualização das crianças, o que era construído, entre outras maneiras, por meio da visualidade. Antes desse processo de especialização, os bebês nem mesmo possuíam roupas específicas, uma vez que não eram considerados sujeitos, e, portanto, não havia uma razão significativa para fazer referência ao gênero. Com a introdução de roupas especiais para os bebês, o gênero feminino foi associado a eles, proporcionando-lhes algum lugar na categoria de seres humanos, embora não fosse o melhor.

É evidente que o processo detalhado de construção da masculinidade e feminilidade antes da 1ª Guerra Mundial visava transformar meninas, e especialmente meninos, em indivíduos completos. Tendo isso em vista, é possível aventar que o aprofundamento da

importância social das crianças no avançar do século XX tenha contribuído para a diferenciação das roupas infantis por gênero em idades cada vez mais precoces, contudo, também foi atravessado (e talvez acelerado) por outros movimentos.

Um dos fatores mais cruciais para compreender a intensificação do binarismo de gênero na infância é o surgimento e a disseminação da psicanálise. A consolidação deste saber como um campo de estudo, mais especificamente em sua faceta freudiana, abalou a noção de pureza e inocência associada à infância. De acordo com Jo B. Paoletti (2012), as preocupações científicas relacionadas à saúde e à criação de crianças se expandiram progressivamente no final do século XIX, passando a abordar regularmente os aspectos psicológicos do desenvolvimento infantil. A percepção, cunhada principalmente por Sigmund Freud, de que a infância poderia estar na origem de vícios e problemas, com alta ênfase na sexualidade diferente de meninos e meninas, teria abalado em certa medida a visão sobre uma "assexualidade" infantil, que era uma das principais bases do vestuário das crianças.

Ainda que existissem recusas e posições conservadoras no sentido de defender a pureza infantil e seus trajes desses "ataques", o fato é que elas foram sendo suplantadas e o aceite a essas visões de uma sexualidade binária intrínseca às crianças passou a predominar, sobretudo no que diz respeito aos meninos.

Outro fator que parece ter contribuído em grande escala para esse fenômeno residiu nas expectativas geracionais sobre como educar e vestir os filhos. Afinal de contas, as mães e pais do século XX em algum momento tinham sido crianças, e as lembranças das formas como eram vestidos teriam impactado a maneira de trajar seus filhos.

A teoria dos impactos geracionais nas transformações das vestimentas infantis é uma das mais interessantes formulada por Paoletti (2012) em sua obra, e sem dúvida é a que mais incidiu no desaparecimento do traje *garçonnet* e ainda mais da sua variação de "pequeno lorde".

Segundo a autora, esse fenômeno geracional da moda poderia ter tido dois eixos de ação. Um primeiro diria respeito à adição de elementos da moda infantil de uma época anterior à moda adulta na época seguinte. O segundo seria uma adição ou subtração de componentes visuais na moda infantil operada por pais a partir da memória destes sobre sua própria infância.

Um exemplo significativo para o primeiro eixo seria a moda capilar presente em *O Tico-Tico*. Nas primeiras décadas da revista, as fotos das crianças revelam que o cabelo no corte a "bebê", assim chamado pela publicação, em estilo liso e na altura do queixo (de um jeito que hoje ficou conhecido como "Channel") era muito popular, tanto em meninos quanto em meninas pequenas. Já na década de 20 pode-se observar uma explosão desse tipo de penteado nos visuais femininos, inclusive fazendo muito sucesso na cabeça de mulheres adultas.

A incorporação de elementos infantis na moda adulta poderia ser interpretada como uma tentativa por parte dos adultos de evocar as boas lembranças de suas próprias infâncias, recriando o que lhes agradava naquele período em seu presente. No caso específico das mulheres da década de 20, essa escolha de vestimenta poderia refletir um equilíbrio entre uma imagem de juventude e inocência, combinada com a ousadia que as tornou famosas, particularmente entre as moças melindrosas. É interessante notar que o corte de cabelo curto e arredondado, que mais tarde se tornou um símbolo da feminilidade adulta da década de 20, já era popular nas versões infantis dessas mulheres e também entre os meninos, como

evidenciado pelas imagens de O Tico-Tico. Outro elemento da moda feminina da década de 20, a cintura baixa, teve uma trajetória muito semelhante. Essa característica já era comum nos vestidos das crianças pequenas no período de 1906 a 1917.

Se as memórias positivas da infância influenciaram a moda adulta, as lembranças negativas também tiveram impacto nas escolhas de vestuário, especialmente para as novas gerações de crianças que estavam se formando.

Paoletti (2012) sugere que, no século XX, os homens desempenharam um papel significativo na escolha das roupas de seus filhos, se tornando os principais apoiadores da suposta sexualidade intrínseca dos meninos (preconizada pelas teses freudianas). Isso teria se concretizado por um ressentimento, mantido ou desenvolvido na vida adulta, em relação à sua própria feminilidade na infância. Esse ressentimento, por sua vez, os motivou a se envolver mais ativamente nas decisões de vestuário de seus filhos, ao contrário da geração de pais anteriores, que deixava quase tudo o que dizia respeito à decisão sobre as vestes infantis ao cargo das mulheres.

O traje do “pequeno lorde”, que era tão apreciado pelas mães no final do século XIX e nos primeiros anos do século XX, passou a ser rejeitado pelos “lordezinhos” crescidos, que buscaram distanciar-se fortemente dos enfeites e dos cabelos cacheados. Esses homens que cresceram nas décadas de 1900, 1910 e 1920 procuraram vestir seus próprios filhos de forma mais masculina, a fim de evitar os supostos traumas que suas roupas femininas teriam causado. Paoletti (2012) menciona um caso curioso em que houve protestos de homens contra a instalação de uma estátua da escritora Frances Hodgson Burnett no Central Park de Nova York, devido ao sofrimento que a história de seu personagem Cedric teria causado a eles com a sua doçura e seu vestuário afeminado.

Muitos homens adultos das décadas de 20 e 30 compartilharam suas experiências de desconforto com suas antigas roupas infantis “delicadas”, com suas saias e vestidos, bem como com modelos mais pomposos e elaborados. Independentemente de serem memórias autênticas, a divulgação dessas histórias nesse período indica um desejo desses indivíduos de rejeitar a feminilidade que, em algum momento, fez parte de suas vidas.

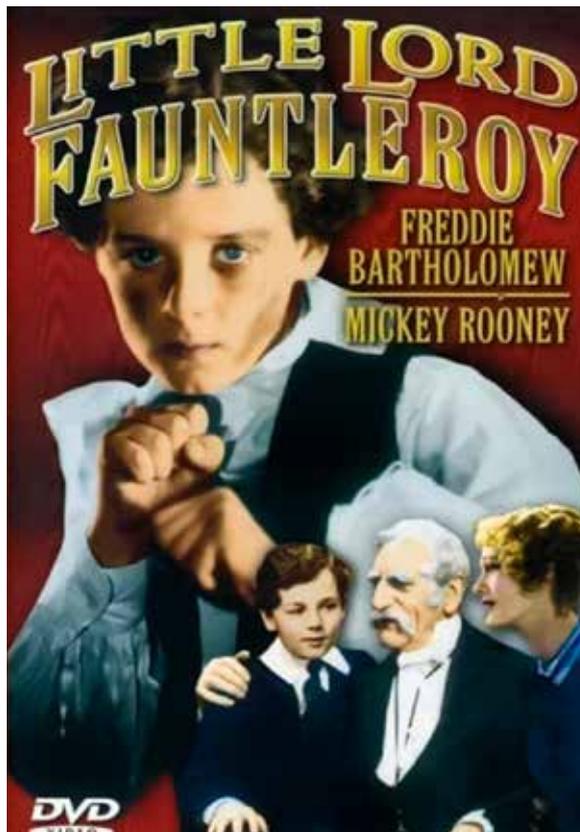
Uma das possíveis causas dessa necessidade de negação da feminilidade seria um profundo rancor que começou a surgir contra as conquistas femininas que marcaram o século XX. As meninas e mulheres desse século, em especial a partir da década de 20, passaram a se curvar menos às exigências das regras vitorianas e conquistaram uma série de espaços e direitos. As jovens com cabelos curtos e saias curtas estavam criando um novo mundo para si, e uma das maneiras pelas quais os rapazes reagiram a essas mudanças foi buscando enfatizar o que consideravam “único” em si mesmos, ou seja, sua masculinidade. Quando se tornaram pais, eles também teriam procurado fortalecer esse traço em seus filhos

Vendo as mulheres em sua volta emancipar-se do espaço doméstico (ainda que aos poucos) e sem grandes novos horizontes a almejar, talvez uma das soluções encontradas por esses sujeitos foi fazer um movimento oposto ao de suas parceiras e encontrar dentro do próprio lar algo novo a se conquistar: os seus filhos meninos. Dessa maneira não só conquistariam algo novo para si, mas também ensinavam seus meninos a reagir à nova realidade de meninas e mulheres cada vez mais ousadas.

Extremamente significativo para compreender esse movimento é o lançamento da nova adaptação para o cinema do *Little Lord Fauntleroy* em 1936. Pela primeira vez Cedric foi interpretado por um menino, o ator Freddie Bartholomew, que na época das filmagens já possuía 11 anos de idade. Como afirma Krinstin Hunt, o que se viu nas telas na década de 1930 foi um amplo movimento de masculinização do pequeno lorde (Hunt, 2020).

De acordo com a autora, que cita reportagens jornalísticas sobre o filme e sua chegada aos cinemas, o filme mostrava um Cedric crescido, geralmente sem seu traje e penteado tradicional. No lugar da roupa de veludo, com rendas e saiote, o garoto passa a maior parte do filme trajando um terno liso de bermudas e o cabelo cortado rente a cabeça (ainda que com algumas ondulações). Por vezes seu visual conta com uma gravata em estilo laço, mas apenas ocasionalmente. No decorrer da narrativa, o novo Cedric chegava a se envolver até mesmo em uma briga física e ficava completamente sujo e esfarrapado. Isso leva a imaginar o horror que a cena causaria em Frances Burnett, já falecida na época. A tentativa de reformular a imagem do pequeno lorde é tamanha que sua imagem brigando é destacada até hoje nas capas dos VHS e DVD do filme:

FIGURA 10. CAPA DE DVD DO FILME *LITTLE LORD FAUNTLEROY*. IMAGEM EM GRANDE DESTAQUE DO PEQUENO LORDE CEDRIC SUJO, ESFARRAPADO E EM POSIÇÃO DE BRIGA. EM TAMANHO MENOR OUTRA IMAGEM SUA COM SEU AVÔ E MÃE.



FONTE: Arquivo pessoal.

Muitos elogios foram tecidos na imprensa a esse novo pequeno lorde que se apresentava. O jornal canadense Windsor Star exaltava o ganho que a obra teria com um novo protagonista "completamente sem sissificação⁷", afirmando com entusiasmo que se trata de "um velho amigo com uma nova roupagem" (Hunt, 2020).

Para muitos outros, no entanto, nem mesmo o assassinato da doçura de Cedric e sua completa reformulação seriam suficientes. Sua imagem já estaria tão "manchada" a ponto da expressão *Little Lord Fauntleroy*, na cultura anglo-saxã, em especial nos EUA, ter virado sinônimo de esnobismo, frescura e, no limite, homossexualidade. Chamar um homem ou garoto por essa alcunha, equivalia a chamá-lo no bom (ou mal) português da época de "maricas". Hunt (2020) reúne em seu artigo uma série de protestos masculinos contra o lançamento do filme, como um coro de vaias realizado por escoteiros em frente a uma das sessões (amplamente elogiada por jornalistas) e até mesmo insultos proferidos pelo prefeito de Nova York contra a nova adaptação cinematográfica da história de Cedric e o que ele representava.

Hunt (2020) afirma que, apesar do sucesso comercial da película, a sua repercussão negativa foi tanta que um novo filme do "Pequeno Lorde" só foi concretizado novamente na década de 1980. E os anos 80, de maneira semelhante aos anos 30, procuraram ao máximo tornar viril aquele que ficou famoso por ser sinônimo de delicadeza.

No Brasil, apesar da repercussão da obra em épocas semelhantes ser quase nula, e mesmo hoje ser baixa, o apelo pela masculinização de meninos reverberou tanto quanto em terras estrangeiras. Um grande exemplo é a reformulação do personagem Chiquinho, símbolo da revista infantil do grupo O Malho.

Até 1932 o Chiquinho era um menino pequeno, e como um bom garotinho das classes mais abastadas ele trajava o modelo do pequeno lorde. Com o passar dos anos alguns dos adereços mais ornamentais das roupas de Chiquinho foram sendo retirados da sua ilustração, deixando seu traje um pouco mais sóbrio, mas ainda dentro do modelo do lorde. Já nos anos 30, é operada uma total substituição da identidade visual do Chiquinho, que deixa de ser um menino pequeno para se tornar um garoto já crescido, quase chegando à adolescência, por volta dos 12 anos, e que usa camisa e bermuda sem nenhuma grande ornamentação.

⁷ Sissificação é uma expressão que surgiu na língua inglesa para uma espécie de "feminização forçada". Em inglês, segundo a definição do dicionário online Cambridge, *sissy* significa: a boy who other boys dislike and laugh at because they think he is weak or interested in activities girls usually like, or a person who is weak and cowardly (= not brave). Em tradução da autora: um menino de quem os outros meninos não gostam e de quem riem porque acham que ele é fraco ou está interessado em atividades que as meninas geralmente gostam, ou uma pessoa que é fraca e covarde (= não corajosa). *SISSY. Cambridge Dictionary*. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/sissy>. Acesso em: 27 de fevereiro de 2024.

FIGURA 11. CHIQUINHO NA DÉCADA DE 50, CRESCIDO TRAJANDO BERMUDA E CAMISETA.



FONTE: O Tico- Tico. Rio de Janeiro: O Malho, n. 2016, 1953, p. 35.
Acervo: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Reforçar a masculinidade dos meninos pequenos também estaria inserido em outro grande eixo de transformação social que impactou a concepção da infância: a valorização da juventude. O surgimento e a explosão do conceito de adolescência teriam impactado significativamente no sistema de valores em que se enquadravam as crianças. No final do século XIX e no período anterior a Primeira Guerra Mundial a preservação da inocência dos pequenos era a principal tônica entre os cuidados parentais. Já com o avançar do século e o enaltecimento do vigor juvenil, tão necessário nas duas grandes guerras e nas reconstruções das sociedades que impactaram, a preservação dá lugar à aceleração (Enne, 2011). Cada vez mais a adolescência, e o crescimento, foram elogiados no lugar da infância e da fragilidade dos pequenos. Ainda que o ideal de pureza tenha sobrevivido (e exista até hoje) ele foi restrito a crianças cada vez menores.

O Chiquinho de 12 anos e o Pequeno Lorde de Freddie Bartholomew, que de fato tinha 11 na época das gravações, revelam que o novo menino ideal já havia passado da fase de vulnerabilidades e afetos, era um menino forte e ágil, e quase não era mais criança.

Voltando à análise de uma revista, na publicação feminina Anuário das Senhoras, que existiu de 1934 a 1958, a figura de meninos e ainda mais modelos de roupas para eles são extremamente raros. Anuário das Senhoras também foi um produto de O Malho. Com sua crise e de sua principal publicação – a revista O Tico-Tico – os responsáveis pela editora resolveram investir na diversificação do seu público leitor e apostaram nas mulheres como suas novas consumidoras. O "Anuário" reunia em formato de livro as principais seções das revistas femininas do período, como culinária, folhetins, trabalhos manuais, aconselhamento e moda. A publicação passou a figurar como um dos principais ganhos financeiros desse

grupo empresarial e lhe garantiu uma sobrevivência até o final da década de 50. A sessão de moda infantil inclusive, que antes figurava em *O Tico-Tico*, desaparece desta na década de 30 para ser reproduzida de maneira muito semelhante em "Anuário" em seus primeiros anos, ganhando uma ampliação conforme o passar do tempo e do desenvolvimento das tecnologias de impressão.

Dentro do Anuário das Senhoras a imagem de meninos se faz muito mais dentro dos anúncios do que nas seções de moda propriamente ditas. A simplicidade dos trajes para os pequenos, compostos pelos calções, blusas e camisas sem grandes ornamentos devem ter influenciado significativamente para a sua baixa aparição da publicação. As roupas dos meninos se tornaram muito simples de serem confeccionadas, não necessitando de uma variedade muito grande de modelos.

É muito relevante notar que dentro da publicação feminina nada é dito sobre a criação de rapazes e muito pouco sobre os meninos que já não eram mais tão pequenos, enquanto que a criação de meninas e mocinhas é um dos principais assuntos abordados nas colunas.

Os adolescentes do sexo masculino praticamente não são representados no Anuário das Senhoras. Não há nenhuma imagem que retrate esse grupo e, quando mencionados no texto, é quase exclusivamente como objeto dos amores das meninas. Essa ausência dos meninos mais velhos na publicação reflete uma progressiva retirada da influência materna na vida dos juvenzinhos. "Anuário", com seu silêncio, indica claramente que considerava inadequado que as mães interferissem de alguma forma na formação de seus filhos à medida que eles deixavam a infância. Se não tinham voz em sua educação, também não tinham influência sobre suas roupas. A única vestimenta de menino mais velho apresentada no "Anuário" é um traje de primeira comunhão, o que sugere uma faixa etária entre 10 e, no máximo, 13 anos.

Considerações finais

Se no começo do século XX o "pequeno" do Chiquinho era repreendido por seu mau comportamento, com o passar dos anos ele acabou por virar um modelo de "menino normal", ativo e travesso. Enquanto que o modelo do "pequeno lorde" Cedric virou sinônimo de afetação e firulas. O "tesouro da mamãe" se tornou chacota e, no linguajar estadunidense, passou a até ser sinônimo de "perigosa" homossexualidade.

Ambas as figuras representam ideais, e de certo a traquinagem ao estilo de Chiquinho entre os meninos já em sua época encontrava aceitação, muito mais que entre as meninas, por exemplo. É bem possível que já no final do século XIX e primeiras décadas do XX existissem os adultos que não almejavam que garotos se comportassem como pequenos príncipes. Todavia, a completa inversão na preferência entre esses dois modelos revela uma profunda mudança nas expectativas sobre os meninos, nas suas formas de agir e de se apresentar.

Para a grande tristeza de Burnett e muitas de suas contemporâneas, vários dos seus queridos filhos se rebelaram contra o ideal que desejavam. Seus doces meninos não só cresceram como procuraram expurgar tudo o que de pequeno e delicado existia em si, e ainda tentaram afastar ao máximo seus próprios filhos desse mundo de sutileza e cuidado que a figura de Cedric inspirava. E mesmo entre aqueles que nunca conheceram o livro *Little Lord*

Fauntleroy, e nenhuma de suas adaptações, as ideias e sentimentos que simbolizavam também passaram a ser cada vez mais combatidos.

Ainda que há algum tempo se tenham críticas nas formas mais brutalizadas de se criar meninos, avessos a todo tipo de sentimentalismo, é pouco crível que se encararia com naturalidade hoje ver um menino vestido com um saiote, babados e rendas. Num mundo em que até mesmo os meninos bebês são vestidos com calças, roupas de super heróis e peças com claras demarcações de gênero masculino, a figura de um pequeno lorde perde sua beleza e se volta completamente para o cômico. Ela se encerra por inteiro no mundo da fantasia de onde surgiu.

Parece tão irreal hoje criar meninos a partir de um ideal de um garotinho gentil e doce (assim como, em boa medida, ainda se faz com as meninas) quanto usar no dia a dia um modelo de roupa inspirada no século XVII. O pequeno Cedric se perde em anacronismos e os meninos em geral perderam ao longo do século XX as poucas chances que tiveram na contemporaneidade de não mergulharem imediatamente no mundo da virilidade.

Fontes:

Anuário das Senhoras. Rio de Janeiro: O Malho, 1934, 1935, 1936, 1937, 1938, 1940, 1941, 1942, 1944, 1945, 1946, 1949, 1950, 1951, 1952, 1953, 1954, 1955, 1956, 1957, 1958.

BURNETT, Frances Hodgson. **O Pequeno Lorde**. Tradução de Maria Lourdes de Andrade Cunha. São Paulo: Abril, 1973.

O Tico-Tico. Rio de Janeiro: O Malho, 1905-1934.

Referências

ARIÈS, Philippe. **História social da infância e da família**. Tradução de Dora Flaksman. 2a ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

BARD, Christine. **Une histoire politique dupantalón**. Paris: Seuil, 2010.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem Médica e Norma Familiar**. São Paulo: Graal, 1979.

ENNE, Ana Lucia. **Juventude como espírito do tempo, faixa etária e estilo de vida: processos constitutivos de uma categoria-chave da modernidade**. Comunicação Mídia e Consumo, 2011, 7.20: 13-35.

JABLONKA, Ivan. A infância ou a "viagem rumo à virilidade". In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jaques; VIGARELLO, Georges. **História da Virilidade** v.2 - o triunfo da virilidade: o século XIX. Petrópolis, Vozes, 2013.

HUNT, Kristin. **The Masculinization of Little Lord Fauntleroy**. 2020. Disponível em: <https://daily.jstor.org/the-masculinization-of-little-lord-fauntleroy/>. Acesso em: 11 nov. 2023.

MAGNO, Isabela Brasil. **Os trajés e as crianças**: uma análise sobre indumentária infantil e seus padrões de gênero (1883-1918). 2108. 87 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

MAGNO, Isabela Brasil. **Entre saias e calções**: vestindo crianças em revistas no século XX (1905-1958). Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal do Paraná, 2021.

PAOLETTI, Jo Barraclough. **Pink and blue**: Telling the boys from the girls in America. Indiana University Press, 2012.

PERROT, Michelle. Figuras e papéis. In: PERROT, M **História da vida privada 4** – da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Companhia das Letras 1991.

ROVERI, Fernanda Theodoro. **Criança, o botão da inocência**: as roupas e a educação do corpo infantil nos anos dourados. Tese (Doutorado em educação), Unicamp, Campinas. 2014.

SOUZA, Gilda de Mello e. **O espírito das roupas**: A Moda no Século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.